

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES
24 de setembro de 2024

KILLED

SHOOT DON'T SHOOT

TEAROOM

Programa de William E. Jones

Estados Unidos, 2009, 2012, 1962-2007 / *Cópia*: Digital, falado em inglês com legendas eletrônicas em português (**Shoot Don't Shoot**) e sem diálogos (**Killed** e **Tearoom**) / *Inéditos comercialmente em Portugal / Primeiras apresentações na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 61 minutos (1', 4', 56').

No arquivo, nada se desaproveita e tudo se transforma. Numa entrevista conduzida por Sharon Lerner, em 2011, publicada *online*, no YouTube, William E. Jones conta que, com **Killed**, abriu um novo capítulo na sua obra, deixando, de maneira muito clara, de impor qualquer visão ao material encontrado ou “desarquivado”, ao contrário do que acontecera em vários documentários experimentais seus que não fugiam à dimensão impressiva e pessoal resultante do uso da palavra “eu”, subordinando-se agora Jones àquilo que “o material lhe tinha a dizer”. Neste caso, trata-se de um acervo de imagens fotográficas produzidas durante a vigência da Farm Security Administration, programa governamental chefiado por Roy Stryker, que tinha a missão de documentar fotograficamente a sociedade americana durante o tempo da Grande Depressão. O que atrai a atenção de Jones não são as fotografias icônicas, e sobejamente conhecidas, de grandes nomes da fotografia de estilo documental, entre eles, Walker Evans, Dorothea Lange e Ben Shan, mas as imagens, algumas delas de nomes menos conhecidos do grande público, que foram rejeitadas pelo diretor do programa e irreversivelmente destruídas ao serem “esburacados” os próprios negativos.

Porque é que terão sido rejeitadas estas imagens? Poucos negativos “esburacados” haviam sido revelados, digitalizados e distribuídos, uma falta que instanciou o esforço investigativo deste cineasta que também é um acadêmico e professor universitário, formado na prestigiosa Universidade de Yale, onde, entre outros assuntos, estudou fotografia. Da investigação nasceu o filme, como primeira experiência, mais um livro, lançado dois anos depois, também intitulado *Killed*. Posteriormente, surge uma extensa vídeo-instalação, **Rejected**, com mais de 7 horas de duração, e ainda houve **3000 Killed**, um vídeo com 100 minutos. Como se percebe por este caso, o trabalho de Jones não se limita a um formato apenas, nem se coíbe de ser tremendamente exaustivo: esgotar o tema da rasura, do “lado B” do arquivo, é a proposta que se sugere neste **Killed**, em jeito de *teaser* para esta investigação de grande fulgor sociológico e estético.

Jones continua a sua indagação não *no* mas *pelo* arquivo de imagens institucionais, oriundas do arquivo da polícia, em **Shoot Don't Shoot**. Este vídeo serviu para treinar os agentes da polícia a decidirem se deveriam ou não disparar perante uma ameaça ou a presença suspeita de um homem na rua. Trata-se, avisa a voz impessoal do vídeo, de um indivíduo negro envergando uma camisola

rosa e umas calças amarelas. Será ele o suspeito cujo perfil é identificado pela mesma voz? Esta alerta para o facto de estar armado e ser perigoso, mas será esta a pessoa certa, esta que vemos a andar na rua? A atenção aos movimentos e pequenos gestos deste transeunte constitui o grande teste à capacidade do agente para aferir a situação, percebendo como e se deve agir perante uma potencial ameaça, salvaguardando sempre a segurança das outras pessoas. Mas... e se o agente estiver errado, se não agir a tempo de evitar um tiroteio em plena praça pública? Jones sugere, por via da montagem, repetindo, *ralentizando* e criando atordoantes *flicker effects* sobre a imagem, quase à maneira de um Ken Jacobs, que o melhor será sempre, ou quase sempre, disparar para evitar uma desgraça que se anuncia. É que se prefigura na movimentação e gestos do suspeito? Não, pois claro, que está ali, logo à vista, no tom escuro da pele.

Tearoom lembra-nos, como já fazia Jones no seu filme autobiográfico **Massillon**, que há, nos arquivos oficiais, uma história de perseguição e assédio policial e legal aos homossexuais por destapar. Neste caso, Jones colige filmes indiscretos, captados pela própria polícia em casas-de-banho públicas. Os autores pertencerão a um esquadrão *vice* em Mansfield, Ohio, a lembrar aqueles caracterizados em *buddy cop movies* dos anos 60 e 70, tal como **Busting** (1974), obra protagonizada por Elliot Gould e Robert Blake que ganhou um sugestivo título em Portugal: “Abutres da Cidade”. Concretiza Jones no seu *website* oficial: “O filme que gravaram foi usado em tribunal como prova contra os arguidos, todos considerados culpados de sodomia, que na altura implicava uma pena mínima obrigatória de um ano na penitenciária estadual”. Jones conta, no citado **Massillon**, como o crime de sodomia, tipicamente associado à comunidade homossexual, foi pretexto para uma perseguição moral, sem tréguas, a todos aqueles que se desviavam da “heteronormatividade” debitada pelos *media*, pela igreja e por alguns professores nas escolas. O próprio descreve a sua primeira experiência sexual, numa casa de banho pública, onde era habitual fazer-se “cruising”, como uma forma de humilhação própria dos ratos. Nos filmes da polícia apropriados por Jones em **Tearoom** vemos homens de várias idades e de várias raças que aparentam provir dos mais diversos estratos da sociedade. Todos foram condenados por atentado ao pudor. Jones, neste filme e num livro muito rico do ponto de vista fotográfico, publicado *a posteriori*, devolve-lhes o rosto, quer dizer, restitui-lhes uma identidade não de “delinquentes invertidos”, mas de homens comuns com desejos comuns. Ou: desejos privados em espaços públicos sob a permanente ameaça do olho-abutre da polícia. Hoje, é ele – e não propriamente o sexo– aquilo que nos avilta.

Luís Mendonça